

O Gênero da Tatuagem: os sentidos das marcas na pele através de hashtags no Instagram¹

Leonardo Chagas VIEIRA²

Carolina Cavalcanti FALCÃO³

Centro Universitário do Vale do Ipojuca, Unifavip/DeVry, Caruaru, PE

RESUMO

A tatuagem, há algumas décadas, era apenas vista como uma característica cultural ou optativa de um indivíduo que escolheu pertencer a um ou mais grupos marginalizados. Atualmente, o desenho epidérmico permanente assume outra conotação, mais positiva e comum nos meios midiáticos, como as redes sociais, onde muitas vezes é relacionada a liberdade, arte e orgulho. Com essa abrangência positiva, que a populariza cada dia mais, ocorre também a disseminação do que se considera ser o gênero e valor interpretativo da tatuagem. Visto isso, este artigo tem como objetivo analisar quais pontos podem definir a tatuagem como masculina ou feminina, a partir das suas imagens disponíveis na rede social Instagram através das hashtags #tatuagemmasculina e #tatuagemfeminina.

PALAVRAS-CHAVE: Tatuagem; Masculina; Feminina; Instagram; Gênero.

A RESSIGNIFICAÇÃO E O GÊNERO TATUAGEM

A pós-modernidade demonstra constantemente a sua capacidade de converter e ressignificar códigos, símbolos e signos com o passar do tempo. Isso acontece com clareza se analisarmos – nem tão profundamente assim – o fato de um homem com barba grande e cheia não ser mais associado tão facilmente a alguma religião ou condição financeira; ou já não nos espantarmos ao ver uma mulher assumir um papel profissional maior do que um possível papel familiar. Essa ressignificação acontece também a respeito da tatuagem, que antigamente era atribuída pela maior parte da sociedade ao resultado de um ato de rebeldia e estar estreitamente ligada a marginalização e ao crime, salvo em casos de questão cultural, como no caso dos povos indígenas ou milenares.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Unifavip/DeVry, email: jornalistaleovieira@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unifavip/Devry, email: cfalcao2@unifavip.edu.br

Hoje, a tatuagem está presente na internet e nos meios midiáticos muitas vezes assumindo um papel enaltecido do seu portador, nesse caso, modelos, apresentadores, cantores e pessoas comuns, que divulgam seus desenhos epidérmicos nas redes sociais.

Sobre essa perspectiva, de que a tatuagem pode atualmente ser mais vista e abordada graças a tecnologia visual, é importante ter consciência que uma marca na pele assume significações, seja em suas primeiras representações percebidas historicamente ou em seu contexto atual.

De acordo com Ribeiro e Pinto:

“A tatuagem existe desde os primórdios. Verifica-se que “O Homem de Gelo”, um corpo congelado encontrado na Itália em 1991, que se supõe ter vivido há cerca de 7.300 anos, tinha vários desenhos sobre a pele. A múmia da princesa Amunet, de Tebas, exibe desenhos feitos de pontos e linhas que certamente chamaram a atenção dos egípcios há mais de 4.000 anos. Não se sabe o que aquela tatuagem significava, mas é muito provável que ela não tenha sido desprovida de sentido.” (RIBEIRO e PINTO, 2013, p.2)

Apesar da incerteza sobre a motivação das marcas percebidas no Homem de Gelo e na princesa egípcia, quanto a possibilidade das mesmas possuírem sentido, o parecer de Ribeiro e Pinto corrobora a ideia de que a maioria das tatuagens são realizadas com o consentimento do indivíduo tatuado, que decide do fazer da tatuagem até o quê e como algo nela será representado. Na maioria dos casos também, se identifica o autor da tatuagem como aquele que recebe a marca na pele e não o tatuador que a fez. Isso se deve a posição do tatuado como dono da escolha do signo que portará, cabendo ao profissional que o marca apenas o processo de transmitir o que a ele foi proposto.

Quando Braga diz que gênero “é tudo o que é falado, escrito ou desenhado, a maneira como isso é feito e a forma que é dada ao texto” (2009, p. 147), podemos entender a tatuagem como um gênero textual/discursivo. O doutor em Linguística é citado nos estudos de Ribeiro e Pinto por explorar a tatuagem (seja grafismo, desenho ou aforismo) como gênero virtual, não verbal, justificando a expressão “não-verbal” para imprimir a ideia de que “mesmo quando a palavra se constitui tatuagem seu campo de significação pode mudar ou ser ampliado, ou seja, deixa de significar apenas como palavra” (2009, p. 136).

Ao se compreender, portanto, a tatuagem como gênero que possui autoria e precedentes referenciais que ajudam a estruturar a decisão do que será tatuado e como será sua representação imagética (objetiva ou mesmo subjetiva), é possível imaginar que tais

precedentes podem se basear na exemplificação ou nas abordagens já experimentadas pelos indivíduos que a cogitam realizá-la. Em termos simples, pode-se dizer que o que se entende de tatuagem em determinados grupos, gêneros, raças e posições pode influenciar diretamente na escolha do signo que será marcado, ao determinar limites para os seus significantes.

De acordo com Bourdieu (2003), as diferenças culturais entre os gêneros podem ser vistas em seus corpos, seguindo a noção do *habitus*, que é uma disposição corporal construída pela sociedade e pela cultura, ou seja, uma lei social incorporada. Assim, podemos considerar o corpo humano como vitrine de diferença sexual, não por suas disposições biológicas apenas, mas socialmente construídas. Ainda segundo ele, a força simbólica que a sociedade exerce sobre o indivíduo, exerce também sobre os corpos. Dessa maneira, os corpos femininos e masculinos se diferenciam quanto a uma série de movimentos, posições e posturas que traduzem as diferenças pensadas e construídas sobre os gêneros, ou pelo menos se observa os corpos como tendo estas diferenças.

O FEMININO E O MASCULINO NA TATUAGEM DO INSTAGRAM

A diferenciação sobre aspectos que definem o gênero no universo da tatuagem já foram abordados por Andréa Osório, quando era doutoranda em antropologia no PPGSA/IFCS/UFRJ. Segundo ela, as características que fazem as marcações epidérmicas serem consideradas masculinas ou femininas são bastante perceptíveis. Através de levantamento ela assumiu que para as mulheres:

“São desenhos criados especialmente para mulheres e que se diferenciam dos demais (masculinos ou unissex) pela temática, envolvendo fadas, anjos, estrelas, luas, flores. (...) Os ‘desenhos femininos’, muitas vezes, apresentam um aspecto infantil, de desenhos feitos por crianças ou para crianças, como bonecas e querubins. Os animais escolhidos por elas são domésticos ou vistos como inofensivos, como gatos, beija-flores e golfinhos”. (OSÓRIO, 2005, p. 3)

E para o homens:

“A maior parte dos desenhos “masculinos” envolve algum tipo de elemento de agressividade (...), seja na escolha por animais selvagens ou por desenhos associados a um imaginário guerreiro, como caveiras (...), samurais, índios e o próprio dragão. Observar um significativo número de ideogramas poderia sugerir a expressão de uma masculinidade menos agressiva, menos pautada em símbolos de violência. Contudo, se somados, os desenhos relacionados a alguma forma de

agressividade são a maioria, pois estão disseminados em categorias e elementos distintos. (OSÓRIO, 2005, p.3).

Seguindo essas conclusões, Osório supõe, subjetivamente, que em meio a sociedade e até mesmo no grupo de pessoas que possuem ou se interessam por tatuagem, uma relação dos significantes adequados para cada tipo de tatuado já possa ter sido estabelecida. Essa separação entre a gramática epidérmica que se faz para o homem e para a mulher considera, portanto, aspectos não criados sob o olhar da tatuagem, mas são reflexos do decorrer histórico marcado pelo patriarcalismo e a suposição da fragilidade do gênero.

Outro aspecto importante da análise de Osório sobre a significação da tatuagem de acordo com cada gênero são os locais em que a marca é feita. De acordo com ela:

“As regiões mais tatuadas pelas mulheres são as costas (26.4%), o pescoço/nuca (23.6%), e o calcanhar/pé (9.5%). Observe-se que as costas e o pescoço/nuca correspondem à metade das tatuagens femininas (50%). As costas são a segunda região corporal mais procurada pelos homens para a tatuagem (14.1%). Apesar das costas serem mais procuradas por mulheres (26.4%) do que homens (14.1%), não creio que se trate de uma região feminina, na medida em que os homens a tatuam em larga escala. Tampouco se trata de uma região neutra, na medida em que as mulheres tatuam a lombar e os homens não. O braço é o local masculino por excelência (61.7%), apresentando uma porcentagem de incidências superior à das costas e pescoço/nuca juntas nas mulheres (50%)”. (OSÓRIO, 2005, p.5)

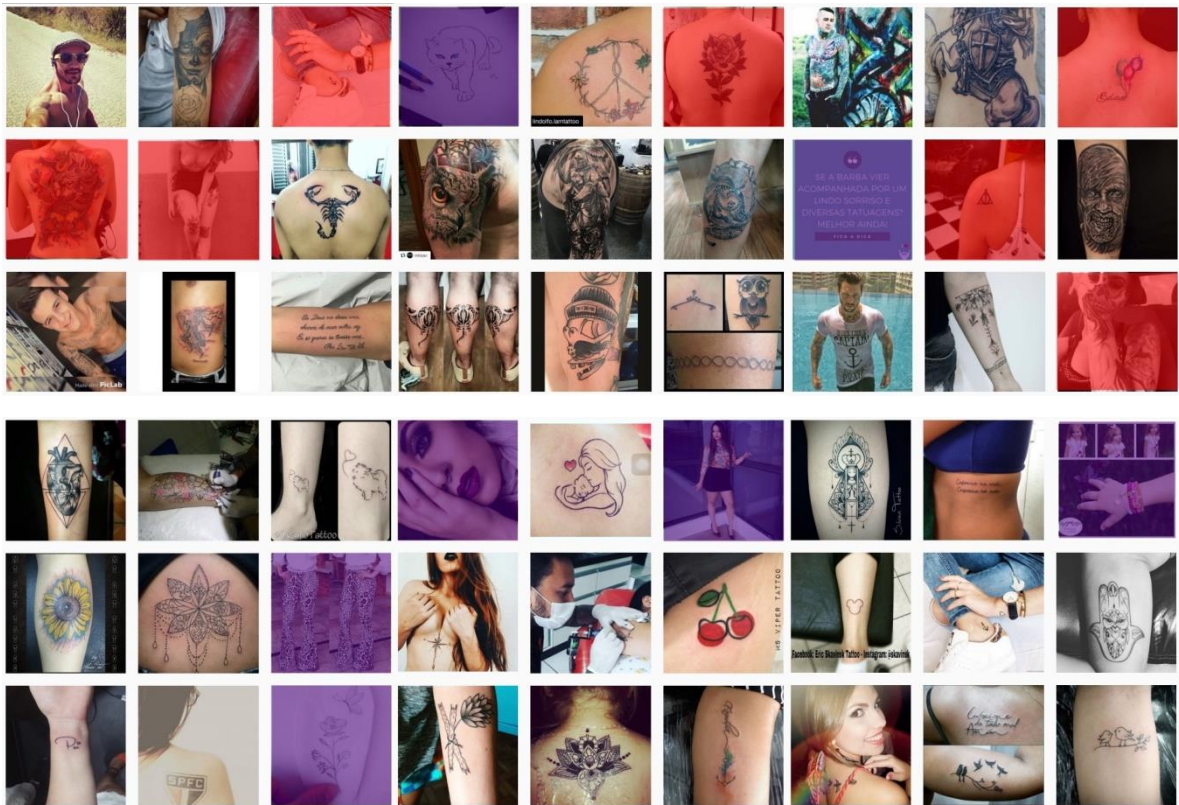
Ela ainda completa ao dizer que a região do braço, em questão para o sexo masculino, ainda envolve o antebraço, mas não o pulso. Isso se deve por causa da exposição da tatuagem, ainda levada em conta em grande parte dos casos. Mesmo assim, o braço é escolhido pelo homem por transmitir a ideia de força, assim como a nuca – que também é escolhida levando em conta a visibilidade, já que pode ser ‘escondida’ pelo véu do cabelo – é uma área tida como feminina e que aceita marcações mais delicadas e pequenas.

Sobre essa perspectiva e argumentos, é possível avaliar o resultado da produção da marca epidérmica (ou a própria produção) como material exemplificador dessas hipóteses teóricas. Visto isso, durante cinco dias (entre 26 e 30 de abril de 2016), as hashtag #tatuagemmasculina e #tatuagemfemina da rede social Instagram especializada em fotos e vídeos foram avaliadas. Foram analisadas as primeiras 27 fotos que apareceram após a pesquisa com a hashtag pesquisadas. Estes foram os resultados:

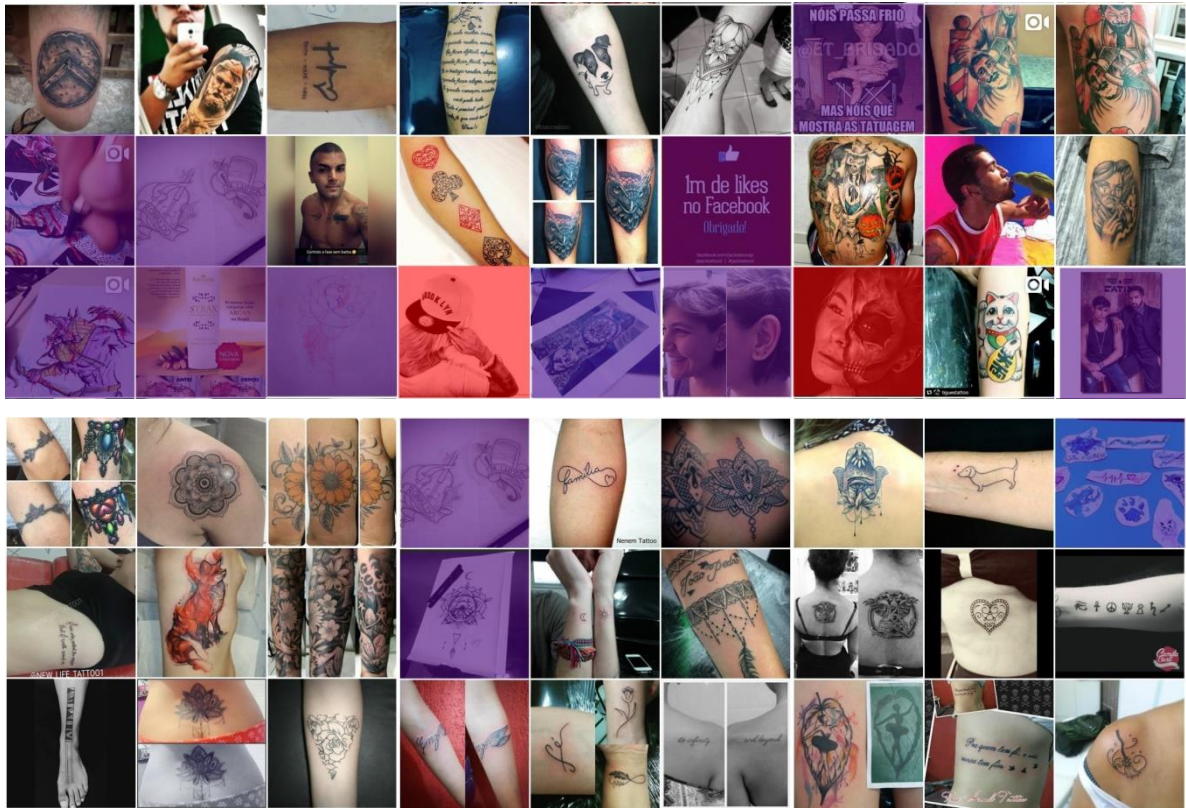
Obs: Visto que em uma rede social, há a liberdade de expressão e de posicionamento pessoal e individual das ideias de seus autores, as imagens a seguir foram editadas para melhor representarem a análise que este artigo propõe. Foi usado um filtro vermelho sobre

as fotos que não se encaixam perceptivelmente na ideia do gênero proposto pela hashtag pesquisada. Esta seleção pode ser incorreta em algumas situações, como em casos de androginia e transgeneridade, mas no geral, foram tidas dessa forma por assumirem um aspecto visual não correspondente ao que sugere o gênero da hashtag. Nas situações em que as imagens se referem a publicidade, mensagens, não correspondam à temática tatuagem ou não há um indivíduo, um filtro roxo elimina essas fotos do material a ser analisado. Todas as imagens que não passaram pela *filtragem*, foram tidas como correspondentes no sentido de ser tatuagem e caber ao gênero sugerido, mesmo que o seu aspecto não pertença ao que foi teoricamente sugerido para cada um dos gêneros por teóricos como Osório.

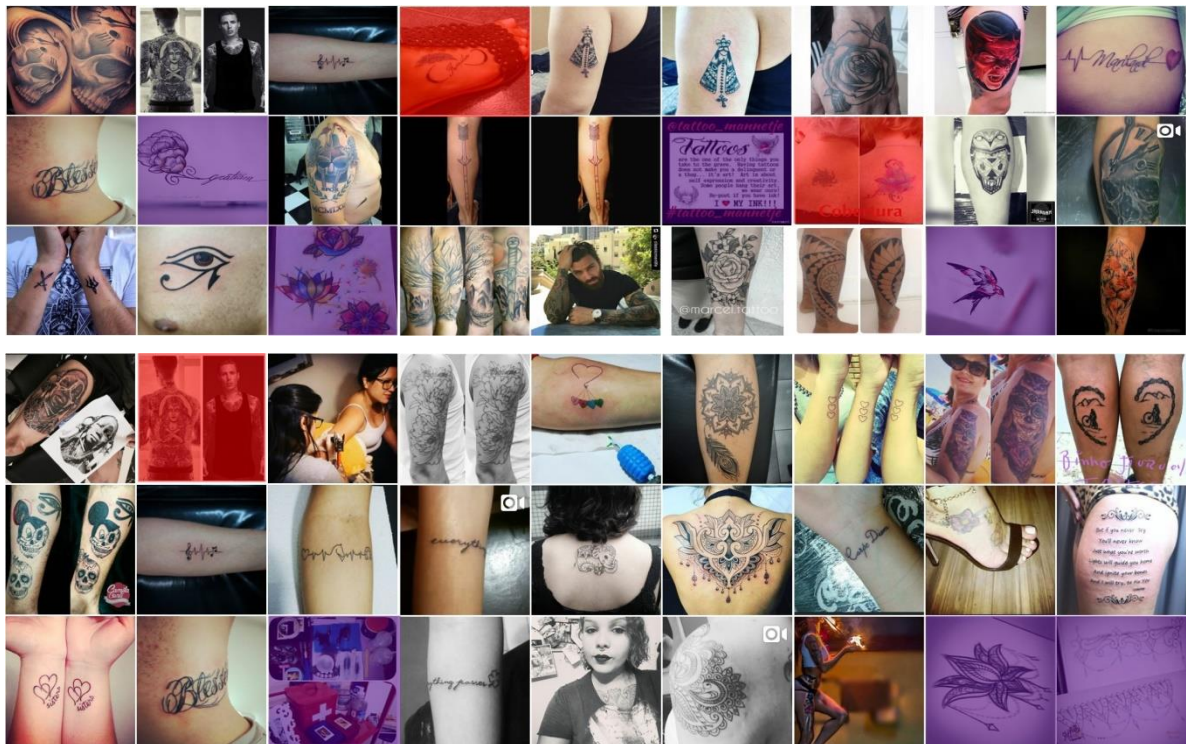
26 de abril - #tatuagemmasculina (acima) e #tatuagemfemina (abaixo):



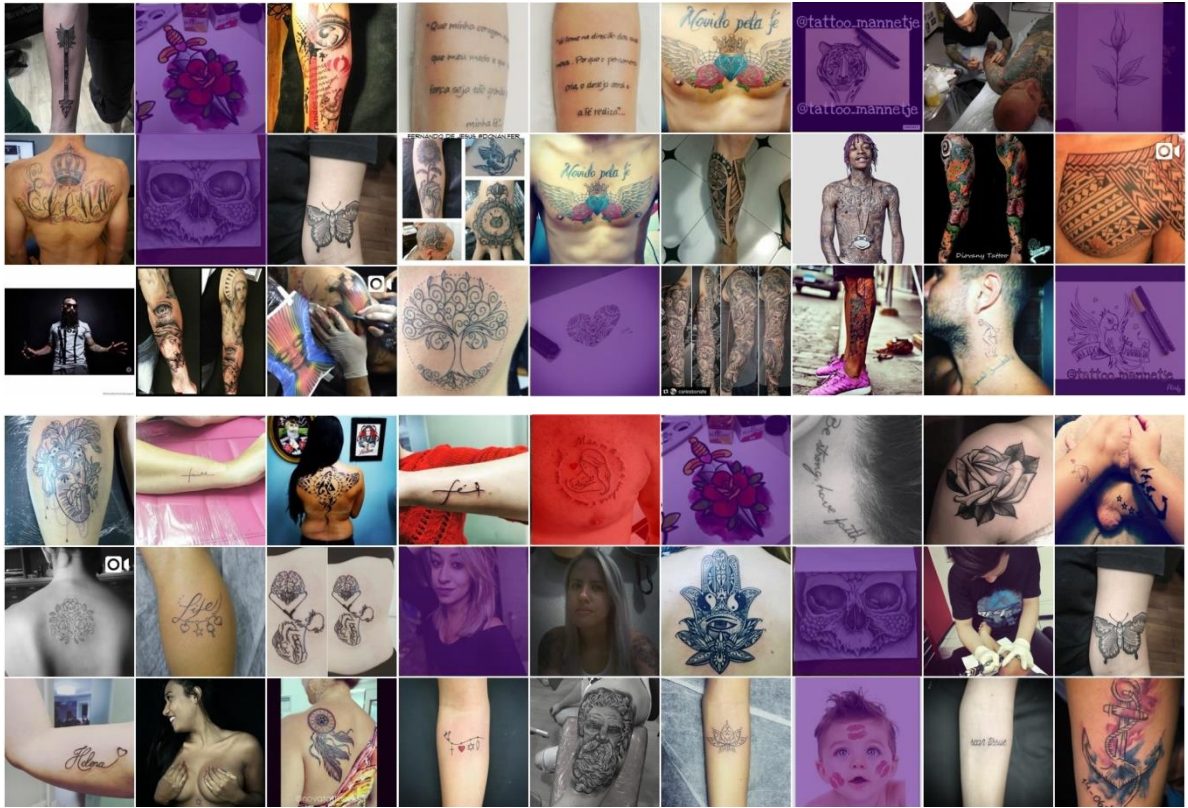
27 de abril - #tatuagemmasculina (acima) e #tatuagemfemina (abaixo):



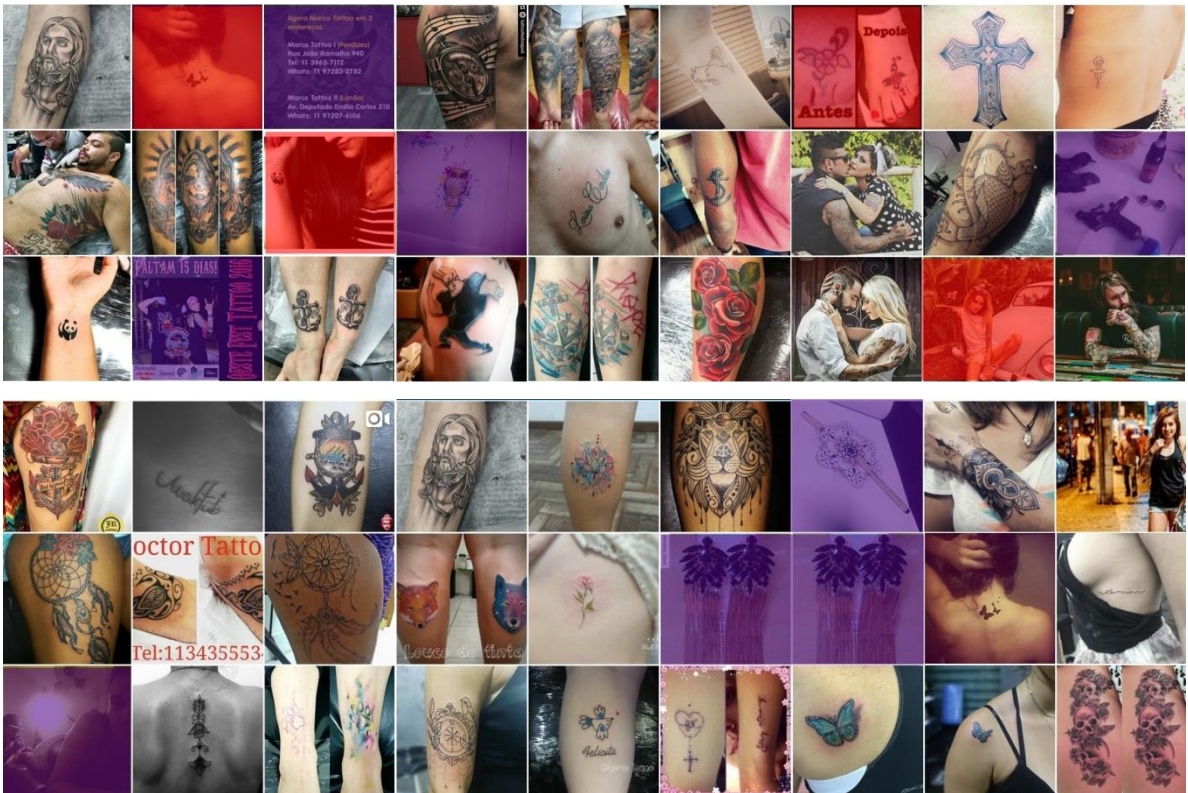
28 de abril - #tatuagemmasculina (acima) e #tatuagemfemina (abaixo):



29 de abril - #tatuagemmasculina (acima) e #tatuagemfemina (abaixo):



30 de abril - #tatuagemmasculina (acima) e #tatuagemfemina (abaixo):



Sobre as imagens em questão, vale ressaltar que foram consideradas como não pertencentes ao gênero sugerido pela hashtag as fotos que transmitem características comuns associadas pela sociedade a outro gênero. Por exemplo, por mais que o fato de ter as unhas pintadas não ser característica natural feminina e tenha capacidade de definir o gênero do indivíduo, as imagens que as contem dentro da pesquisa sobre tatuagens masculinas foram tidas como não correspondentes a esse gênero. O mesmo vale para vestimentas, seios e cortes de cabelo.

Nas fotos em que aparecem casais, apenas foi levado em consideração o indivíduo apresentado na imagem como pertencente ao gênero pesquisado. Outra informação importante para esta análise é que a seleção das fotos foram baseadas apenas em aspectos visuais de condição de gênero. Isto é, a avaliação do que se encaixa ou não no gênero se faz somente sobre a análise das características físicas à mostra que representem o gênero com o qual o indivíduo se apresenta diante da sociedade e da rede social, ou seja, uma imagem que apresente seios é considerada feminina e pertencente a uma mulher mesmo que ela seja uma mulher trans.

Tendo isso especificado, podemos analisar as imagens. Em primeiro lugar, o que se observa é que a tatuagem masculina tende a ser mais escura do que a feminina. Essa característica ocorre devido ao maior uso do sombreamento e espessura mais grossa das linhas que compõem a tatuagem. Essa característica é menos observada no caso das fotos de tatuagens femininas. Para elas, geralmente o traço é mais fino, ainda que as marcações sejam tão grandes ou maiores, na geografia do corpo, do que nos homens. Supondo que as fotos sejam numeradas linearmente da esquerda para a direita, de cima para baixo, as fotos de número 16 nas duas situações de gênero no dia 27 de abril correspondem bem como um exemplo dessa percepção.

A tatuagem feminina também tem a característica de ser menor do que a masculina, na grande parte dos casos analisados. Para elas, é muito comum ver a marcação sendo feita de maneira a preencher somente uma parte do corpo, como ombro, antebraço, nuca, costas, panturrilha, pulso, abaixo dos seios e na região lombar. Esse fato só se contradiz em dois casos dentro da hashtag #tatuagemfeminina, na foto 25 do dia 28 (membros superiores e inferiores) e nas fotos 8 (mão e pulso) e 9 (braço e antebraço) do dia 30.

Na realidade masculina essa extensão da tatuagem entre os membros e partes do corpo é mais notável. Basta levar em consideração os exemplos de marcações na região do

braço, que geralmente também englobam a região do ombro, nos exemplos analisados durante todo o processo de pesquisa. Contudo, há também regiões específicas onde se predomina a tatuagem masculina veiculada no Instagram. Como já dito, braço, ombro, também peito, costas, pescoço, tórax em geral, e antebraço. Algumas dessas partes do corpo são compartilhadas entre homens e mulheres como receptoras das marcações, entretanto elas não se assemelham devido as outras características como espessura da linha, nível de sombreamento, extensão corporal, nível de coloração (é possível ver mais cor no caso dos homens, possivelmente devido a maior extensão da tatuagem e a intenção de impacto) e principalmente seu conteúdo temático, onde a diferenciação fica mais evidente.

Não há limites para o conteúdo temático de uma tatuagem. A marca epidérmica pode ser construída sobre ilimitadas particularidades, gostos ou posicionamentos do indivíduo que decide se tatuar. Entretanto, é possível perceber uma coleção temática para cada gênero de tatuagem postada através das hashtags, principalmente no caso das mulheres. No caso delas, o mais notável é o fato de que palavras e frases tatuadas tem drasticamente maior espaço do que em relação aos homens. Analisando todas as fotos, são 7 marcações textuais nos homens e 22 nas mulheres.

Elementos florais, flores, corações, animais que não expressam agressividade (como cães, gatos, raposas e borboletas são marcados aparentemente dóceis e fragilizados), filtros do sonhos e âncoras são facilmente encontradas, junto às expressões textuais, no grupo de elementos que compõem a tatuagem feminina dentro da hashtag no Instagram.

No caso dos homens, a diversidade entre o conteúdos das tatuagem na hashtag se apresenta mais visivelmente, tanto a ser até difícil analisar as semelhanças entre os significantes e padronizá-los, como acontece no caso das mulheres. Apesar disso, é possível perceber uma presença maior de representação humana nas marcas dos homens, a partir do momento em que a figura humanizada ocupa boa parte das expressões epidérmicas, ainda que de variadas maneiras. Rostos (de homens ou mulheres ou caveiras – nesse caso entendidos como expressão humana), grafismos, animais (geralmente com aspecto mais sombrio e escuro), flores e símbolos religiosos são os principais desenhos para eles.

Outro detalhe importante percebido durante as análises é a presença do gênero oposto dentro da hashtag masculina. Sob avaliação dos elementos visuais de representação feminina antes citadas, 15 fotos receberam o filtro vermelho na #tatuagemmasculina, porque foram tidas como marcas na pele de um indivíduo que se apresenta como mulher na fotografia. Na situação contrária, há somente dois casos.

Por que há a presença da figura da mulher tão fortemente dentro de uma hashtag onde se supõe que só homens deveriam aparecer? Supondo que mulheres tenham postado essas fotos, por que elas usam uma hashtag que não indicam seu gênero? São inúmeras as respostas que essas indagações podem receber, mas, seguindo pela estrada contrária, podemos supor o porquê de no caso dos homens essa situação não acontecer.

Para auxiliar na compreensão de uma conclusão sobre essa complexidade, Silva pontua, em seu artigo sobre a construção cultural da masculinidade do homem através do tempo, fatores históricos e pensamentos de teóricos que, sob a perspectiva dessa pesquisa, podem exemplificar o motivo de o indivíduo que se apresenta como homem não se apresentar na sociedade (e conseqüentemente no Instagram) com significantes que remetam a feminilidade ou sejam modificados para assumir outro significado, menos condizente com o seu gênero. Portanto, o homem não usaria hashtag do gênero feminino e a sua tatuagem tem outra contextualização estética, ainda que sejam desenhos com temáticas semelhantes aos que podem ser encontrados nas mulheres.

“A Revolução Francesa primeiramente, que apregoava os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e posteriormente a Revolução Industrial e as conseqüentes guerras mundiais que se sucederam, trouxeram uma desordem no papel do homem burguês, que tentava se reconstruir, fazendo com que se consolidasse uma masculinidade e uma virilidade hegemônica comum a todos os homens. Sob a ameaça de uma feminilidade inerente a alguns homens, decorrente do medo de tornarem-se homossexuais, e diante da obrigatoriedade de por a prova o seu sexo forte, os homens tiveram que cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade, caracterizando também a primeira crise da identidade masculina” (SILVA, 1998, p.3)

Entendendo essa crise de identidade como um processo ainda atual do pensamento masculino e sob o argumento de que há uma necessidade da reafirmação constante e imutável do homem para com o seu gênero devido a questões sócio-históricas, há também o entendimento de que as mulheres trilham um caminho oposto, do momento em que alcançaram o espaço público a até os debates atuais sobre posição e igualdade de gênero. Culturalmente falando, uma mulher não precisa reafirmar seu gênero tanto quanto o homem, o que a permite adentrar na mídia mesmo usando uma expressão textual masculina (nesse caso a hashtag) sem descaracterizar seu gênero em sua postagem, mas com o objetivo de conquistar mais espaço (divulgação) dentro da rede social em questão.

CONCLUSÃO

A atuação da tatuagem, no cenário pós-moderno, cresce abramentemente a cada dia. Antes tida como uma produção cultural ou marginalizada, hoje a marca epidérmica assume variadas representações dentro da sociedade e dos espaços midiáticos.

A tatuagem no Instagram, dentro de hashtags de gêneros, assume características visuais que distinguem as marcas feitas nos homens das marcas feitas nas mulheres e vice-versa, fatores como onde a tatuagem foi feita no corpo, sua visibilidade fotográfica e seu conteúdo temático. Sendo o Instagram uma rede social imagética, acima de tudo, a análise se pauta no que se apresentou no total de 135 fotos da hashtag #tatuagemmasculina e 135 em #tatuagemfeminina, estando sujeitas algumas a serem descartadas da análise por motivos de fuga ao tema da pesquisa ou não correspondência de gênero.

Conclui-se portanto que existem aspectos sociais, históricos e culturais que definem a produção da marca epidérmica em questões de gênero, ainda que essa própria produção esteja em constante processo de mudanças devidos aos aspectos dessas categorias citadas. Com isso, a tatuagem que hoje podemos encontrar numa das redes sociais mais famosas mundialmente foi e ainda é pautada no Brasil (assumindo que as hashtag estão em língua portuguesa brasileira) por questões além da simples vontade de possuir ou divulgar a marca, mas por questões de gêneros anteriores mesmo ao processo de desmarginalização da tatuagem nos países ocidentais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003

BRAGA, Sandro. **A tatuagem como gênero: uma visão discursiva**. In: Linguagem em (Dis)curso – Lem D, v. 9, n. 1, p. 131-155, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/090106.pdf>>.

OSÓRIO, Andréa. **O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro**. In: Contemporânea. n.º 05/2005.2 PPGSA/IFCS/UFRJ. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_07_andrea.pdf>

RIBEIRO, Thiago L.; PINTO, Vera M. R.. **A tatuagem como instrumento de comunicação: Um estudo acerca das marcas na pele de presidiários**. Paraná: UENP/CJ, 2013. IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação. Múltiplos Olhares. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/334t.pdf>>.

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. Paraíba: UFPB. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200000300003>.